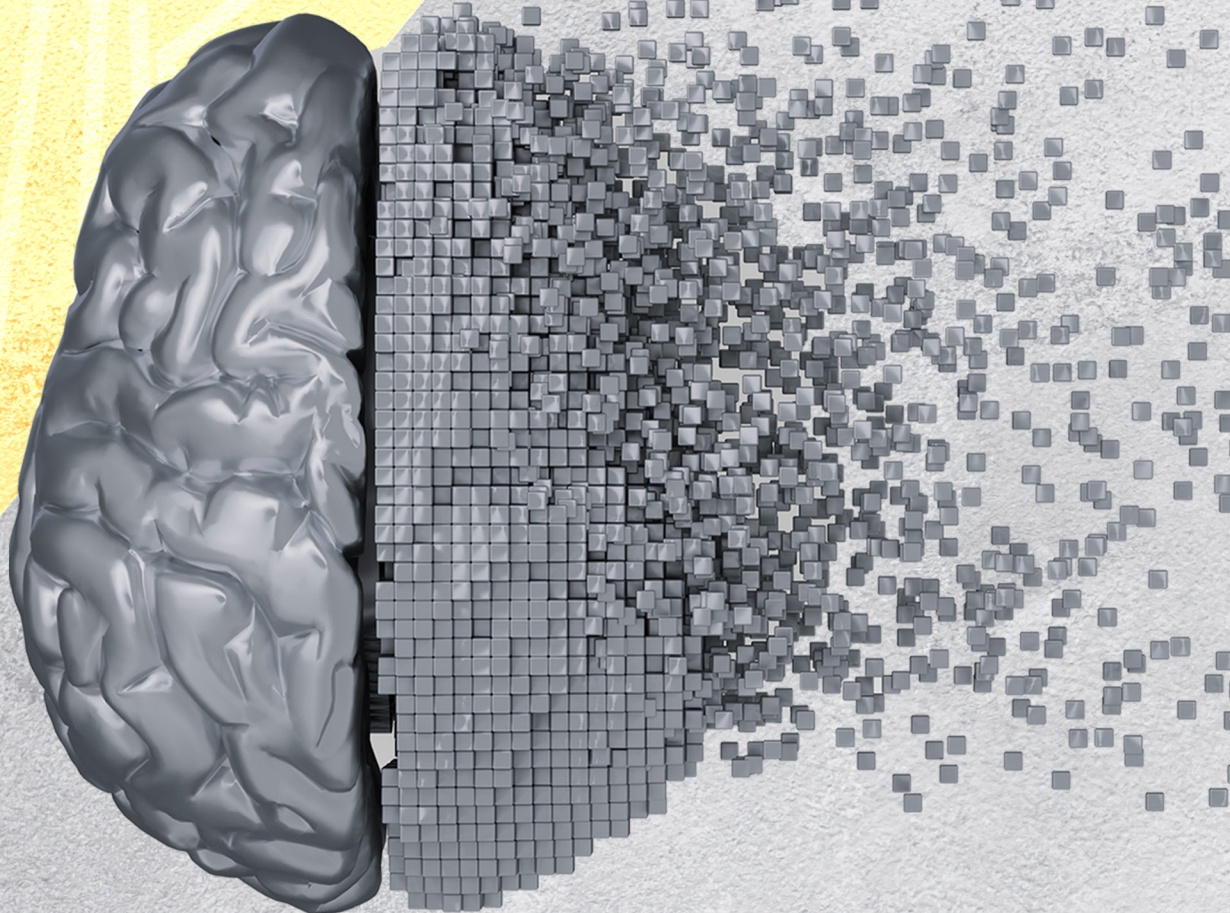


A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-278-4

DOI 10.22533/at.ed.784192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado).

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis

que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades. ” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenuncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos

dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora

mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES**, a autora LIDIANE MARIA MACIEL buscaram analisar o processo social de mudança desencadeada pelas migrações “permanentemente temporárias” laborais, ocorridas entre o interior estado de São Paulo e interior do estado do Piauí. No artigo **FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015**, os autores Sonia Vanessa Langaro e Valter Martins buscam analisar as características e relações constituintes do Faxinal do Salto, localizado no município de Rebouças/PR. No artigo **FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003**, os autores Danilo Rodrigues do Nascimento e Flávia Rodrigues Lima da Rocha buscaram propor uma nova maneira de pensar a origem e as articulações da filosofia, a fim de ampliar a discussão sobre sua procedência para além da Grécia, bem como discutir a aplicabilidade da Lei 10.639/2003. No artigo **GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR** os autores Andréia Oliveira Ferreira dos Santos e Rosiley Aparecida Teixeira buscam apresentar os resultados parciais de um estudo que surge mediante inquietações sobre uma gestão escolar burocrática e gerencial. No artigo **GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E**

TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia Sabrina Speckart Ribeiro, Camila Amanda Schmoegel Elias trata de um relato de experiência da atividade em grupo realizada no CSI. Neste âmbito foi idealizado por uma estagiária o grupo para orientação e tratamento da incontinência urinária que foi nomeado como Grupo Segura Firme. No artigo **IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS**, os autores Higor Vieira de Araújo e Higor Vieira de Araújo e Francisco Bento da Silva, buscam para dialogar com narrativas visuais (charges e fotos) que trazem como temática a expulsão (desterro) de homens e mulheres no princípio do século XX para o Acre.

INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA os autores Jonny Lucas de Oliveira e Joyce Jaqueline Caetanolzabel Passos Bonete buscou promover uma discussão sobre o tema, por meio da análise de depoimentos de professores de Matemática, coordenadores pedagógicos e alunos do ensino fundamental de duas turmas, consideradas as mais indisciplinadas, de duas escolas públicas estaduais do município de Irati-PR. A escolha das turmas foi por indicação da direção das escolas. No artigo **LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LIGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO**, os autores Jeovana Ceresa, Nathália Fritsch Camargo, Guilherme Costa da Silva, Tamara Lansini Tolotti, Thayze Maria Marques Torbes, Guilherme Briczinski de Souza, Christofer da Silva Christofoli, Juliane Pinto Lucero, David de Souza Mendes, Mariana Edinger Wieczorek, Eduardo Garcia buscaram estudar sobre o envelhecimento humano no cuidado multiprofissional. No artigo **MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA** as autoras Adriana Lessa Cardoso e Márcia Alves da Silva buscam analisar a inserção no movimento feminista, para tanto analisamos uma narrativa de uma militante, dando visibilidade a sua trajetória de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma abriu espaço para tantas outras feministas. No artigo **Normalidade e diferença: vivências de estudantes de uma escola pública**, as autoras Akeslayne Maria de Camargo, Iris Clemente de Oliveira Bellato, Louise Gomes de Pinho, Emília Carvalho Leitão Biato, Barbara E. B. Cabral buscam discutir sobre a loucura como emblemática do que se considera desviante e inadequado, e busca articular essas concepções às vivências de estudantes em relação ao que tem sido avaliado como desviante e inadequado, atrapalhando o andamento da rotina escolar. No artigo **O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE**, os autores FLAVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, MARIELE RODRIGUES CORREA buscam analisar os discursos dos relatos produzidos pelas crianças em relação aos encontros com os idosos e os estudantes universitários a fim de compreender aspectos intergeracionais e o papel da coeducação. No artigo **O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS**

ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM, o autor Wilverson Rodrigo Silva de Melo busca analisar como ocorre o ensino de Estudos Amazônicos e, como é abordado o tema da Revolta-Revolução da Cabanagem nas salas de aula das Escolas Básicas de Santarém. No artigo **O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO**, os autores Carine Magalhães Zanchi de Mattos, Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti, Bruna Camargo, Guilherme Silva Costa, Patrícia Krieger Grossi analisam os agravos de saúde advindos do processo de envelhecimento nas ruas, como ocorrem e as repercussões destes no trabalho de pessoas com mais de sessenta anos de idade que vivem em situação de rua em Porto Alegre. No artigo **O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE** os autores Ariadne Mazieri de Moraes e Francisco Xavier Freire Rodrigues buscam analisar a compreensão da dinâmica dos homicídios motivados pelo narcotráfico na região metropolitana da capital Mato-grossense compõe o projeto “Homicídios Dolosos no Centro Oeste brasileiro. No artigo **O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ** os autores TABARRO. Cristiane e AHLERT. Alvorini analisam a importância do papel pedagógico na ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural e de princípios da sustentabilidade para o fomento da produção de alimentos mais saudáveis. No artigo **O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL**, os autores Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo e Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro, analisam os discursos de pessoas em sofrimento psíquico sobre a loucura e seu processo de estigmatização. No artigo **OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS**, os organizadores Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral e Marcelo Amaro Manoel da Silva, buscou promover a capacitação de cuidadores familiares da área de abrangência de uma Unidade de Saúde do Município de Divinópolis. No artigo **OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS**, os autores Renata Gonçalves Pinheiro Correa, Anna Raquel Silveira Gomes, Victoria Zeghbi Cochenski Borba buscaram conhecer os principais métodos de diagnóstico da Osteoporose, diretrizes de tratamento da Osteoporose, recomendações de suplementação de Vitamina D e Cálcio e treinamento físico para idosos com Osteoporose se torna muito importante no manejo da doença. No artigo **PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA**, autora Andressa Blanco Ramos Bispo a autora busca apresentar um estudo direcionado à melhoria do processo de alfabetização e letramento do público da educação de jovens e adultos, utilizando a música como instrumento mediador do processo de ensino-aprendizagem. No artigo **PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR** as autoras Ana Paula Fernandes Ferreira e Letícia Carolina

Teixeira Pádua buscam pensar, refletir sobre o fenômeno que se revela buscando questionamentos, enquanto que a Geografia Humanista de base fenomenológica permite uma maior aproximação das experiências pessoais.

No artigo **PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI**, os autores Marianna Nogueira Cecyn, Alex Mourão Terzi ,

Marcelo Demarzo, Daniela Rodrigues de Oliveira neste capítulo será discutida uma nova proposta para a educação baseada no cuidado ao professor. Programas Baseados em Mindfulness já são aplicados em escolas da Europa e Estados Unidos para a promoção da saúde da comunidade e para a melhora do ambiente escolar. No Brasil, em projeto de pesquisa inédito e inovador, foi construído um Programa de Promoção da Saúde Baseado em Mindfulness para o Educador (MBHP-Educa – Mindfulness-Based Health Promotion for Educators). Será apresentada brevemente a proposta e a estrutura do programa e os depoimentos de duas experiências: no município de São Paulo – SP e no município de São João del-Rei – MG .

No artigo **UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA** a autora Rosemary Trabold Nicácio neste artigo discute o percurso metodológico que apoiou minha tese de doutorado dentro da pesquisa qualitativa. Tenho como objetivo socializar as dificuldades iniciais que esse tipo de investigação pode trazer aos novos pesquisadores e algumas reflexões.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES	
Lidiane Maria Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.7841924041	
CAPÍTULO 2	16
FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015	
Sonia Vanessa Langaro	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7841924042	
CAPÍTULO 3	28
GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR	
Andréia Oliveira Ferreira dos Santos	
Rosiley Aparecida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.7841924043	
CAPÍTULO 4	47
GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia	
Sabrina Speckart Ribeiro	
Camila Amanda Schmoegel Elias	
DOI 10.22533/at.ed.7841924044	
CAPÍTULO 5	56
IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS	
Higor Vieira de Araújo	
Francisco Bento da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7841924045	
CAPÍTULO 6	69
INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA	
Jonny Lucas de Oliveira	
Joyce Jaquelinne Caetano	
Izabel Passos Bonete	
DOI 10.22533/at.ed.7841924046	

CAPÍTULO 7 78

LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LiGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO

Jeovana Ceresa
Nathália Fritsch Camargo
Guilherme Costa da Silva
Tamara Lansini Tolotti
Thayze Maria Marques Torbes
Guilherme Briczinski de Souza
Christofer da Silva Christofoli
Juliane Pinto Lucero
David de Souza Mendes
Mariana Edinger Wieczorek
Eduardo Garcia

DOI 10.22533/at.ed.7841924047

CAPÍTULO 8 85

MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA

Adriana Lessa Cardoso
Márcia Alves da Silva

DOI 10.22533/at.ed.7841924048

CAPÍTULO 9 91

O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE

Flavio Ribeiro De Oliveira
Mariele Rodrigues Correa

DOI 10.22533/at.ed.7841924049

CAPÍTULO 10 107

O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM

Wilverson Rodrigo Silva de Melo

DOI 10.22533/at.ed.78419240410

CAPÍTULO 11 117

O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO

Carine Magalhães Zanchi de Mattos
Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti
Bruna Camargo
Guilherme Silva Costa
Patrícia Krieger Grossi

DOI 10.22533/at.ed.78419240411

CAPÍTULO 12 129

O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE

Ariadne Mazieri de Moraes
Francisco Xavier Freire Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.78419240412

CAPÍTULO 13	142
O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ	
Cristiane Tabarro Alvori Ahlert	
DOI 10.22533/at.ed.78419240413	
CAPÍTULO 14	148
O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL	
Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.78419240414	
CAPÍTULO 15	165
OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS	
Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral Marcelo Amaro Manoel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78419240415	
CAPÍTULO 16	176
OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS	
Renata Gonçalves Pinheiro Correa Anna Raquel Silveira Gomes Victoria Zeghbi Cochenski Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78419240416	
CAPÍTULO 17	190
PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA	
Andressa Blanco Ramos Bispo	
DOI 10.22533/at.ed.78419240417	
CAPÍTULO 18	204
PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR	
Ana Paula Fernandes Ferreira Letícia Carolina Teixeira Pádua	
DOI 10.22533/at.ed.78419240418	
CAPÍTULO 19	207
PERCEPÇÃO DE SAÚDE E COMORBIDADES DO IDOSO: PERSPECTIVAS PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.78419240419	

CAPÍTULO 20 217

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI

[Marianna Nogueira Cecyn](#)

[Alex Mourão Terzi](#)

[Marcelo Demarzo](#)

[Daniela Rodrigues de Oliveira](#)

DOI 10.22533/at.ed.78419240420

CAPÍTULO 21 233

UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA

[Rosemary Trabold Nicácio](#)

DOI 10.22533/at.ed.78419240421

SOBRE A ORGANIZADORA..... 243

IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS

Higor Vieira de Araújo

Universidade Federal do Acre – UFAC

Rio Branco - Acre

Francisco Bento da Silva

Prof. Dr, Centro de Filosofia e Ciências Humanas

– Ufac

Rio Branco - Acre

RESUMO: Este projeto está voltado para dialogar com narrativas visuais (charges e fotos) que trazem como temática a expulsão (desterro) de homens e mulheres no princípio do século XX para o Acre. Tanto a região acreana quanto os desterrados, são marcados no período por diversos signos negativos que os estereotipam. As análises destas imagens e representações consistem em leituras diversas sobre o contexto histórico e social do Acre e Rio de Janeiro republicano, bem como de leituras teóricas que possibilitam diálogos de forma analítica com as imagens. Além disso, a pesquisa baseia-se em dados dos acervos digitais da Biblioteca Nacional, que nos habilitaram trilhar os caminhos da pesquisa histórica e análise documental e crítica das fontes.

PALAVRAS-CHAVE: Revolta, Acre, Desterros.

ABSTRACT: This project is focused on building a dialogue with visual narratives (charges and photos) that present as theme the removal

(eviction) of men and women in the beginning of the 20th century in Acre. The Acre territory as well as those evicted from it, are branded in this period by multiple negatives labels that have stereotyped them. The analyses of these images and representations consist in diverse readings over the historical and social context of Acre and the republican Rio de Janeiro, as well as a theoretical point of view that allows an analytic dialogue with such images. Furthermore, this research is based in data from the digital archive of The National Library that have allowed us to walk the path of historical research and analyze critically the source documents.

KEYWORDS: Uprising, Acre, Eviction.

INTRODUÇÃO

A alusão do termo *Sibéria* nós remete aos *Gulags* na antiga União Soviética. Aquela Sibéria, tal como o Acre, foi e é uma região vista desde muito como isolada. Lá na Sibéria russo/soviética foram construídos campos de concentração para abrigarem criminosos, presos políticos ou qualquer cidadão que ia de contra ao regime stalinista (APLEBAUM, 2004). Da mesma forma passou a funcionar o Acre, exceto pela parte do frio, algumas décadas antes do regime soviético, pois “foi pra essa *Sibéria* que cerca de dois milhares de

pessoas, em um intervalo de seis anos, embarcaram à força em navios fretados pelo Estado brasileiro na primeira década do século XX” (SILVA, 2014, p. 23).

Nesse artigo, buscaremos uma abordagem não tão usual, não desmerecendo as histórias sofridas de cada indivíduo desterrado que podem ser encontradas em arquivos, boletins policiais ou em histórias de famílias. Buscaremos a partir da visão cômica narrada pelas charges desenhadas na revista *O Malho*, analisar, desconstruir e inserir dentro da perspectiva de contexto histórico estas narrativas. Nas palavras do historiador Marcos Silva,

O humor visual é o campo que aparece frequentemente para o historiador como objeto digno de curiosidade, produto de prazer e fascínio pela “estranha” força de suas sínteses críticas sobre diferentes assuntos...O estudo de personagens humorísticos, entretanto, pode se situar junto à discussão do artístico e do ideológico, apontando para suas articulações como outros níveis da vida social. (SILVA, 1990, pp. 09/10).

Quando observamos uma charge já estamos de cara lidando com um pensamento de uma época, o humor de uma geração a respeito de um determinado fato. No caso desse artigo serão os desterrados, que desobedeceram a lei e “ganharam uma passagem só de vinda” para um território inóspito, como é dito pelo Zé em uma charge a seguir (Figura 01). Que complementa afirmando, no Acre “ganha-se dinheiro para o enterro”.

Podemos observar que o chargista traz no personagem Zé a representação do “povão”, de um cidadão que em hipótese alguma teria a oportunidade de conversar com o Barão de Rio Branco de forma tão direta. Nesse caso, não apenas conversar, o Zé dá a sua opinião de sua ida ao Acre e afirma para o Barão que não foi “um bom negócio” o Tratado de Petrópolis assinado em 1904. A lógica cômica de uma charge não se prende a encontros que poderiam acontecer na realidade, os chargistas podem imaginar situações absurdas para representar uma determinada ideia sobre um fato de um determinado momento.

O objetivo geral da pesquisa centra-se no período inicial do Acre como território federal brasileiro, quando determinadas representações são construídas em torno dos desterrados enviados para esta região nos anos de 1904 e 1910, que por sua vez também foi narrada com carga significativa de estereótipos por vozes diversas que emanaram através dos desenhos dos chargistas

Os objetivos específicos deste trabalho estão na busca de mostrar que havia uma visão pejorativa e negativa sobre o Acre e que é reforçada após 1903 quando este é incorporado ao Brasil. Se reforça então a ideia de ser um local que servia para abrigar os políticos fracassados e o que se considerava a escória social do Rio de Janeiro. Realçaremos como esses imaginários e esses discursos se mostraram duradouros e presentes, inclusive em períodos posteriores. E por fim, discutir aspectos relacionados a imagem do Brasil como uma nação regionalmente marcada por “descompassos” identitários.

Trata-se de um trabalho de pesquisa com o uso de fontes primárias, no caso

algumas edições da revista humorísticas e informativa *O Malho*, que se destaca no período por ser uma publicação carregada de charges críticas, irônicas e estereotipadas. O levantamento e pesquisa das fontes ocorreu em acervos digitais, entre elas destaca-se o da Biblioteca Nacional (RJ), que já disponibilizou muitos jornais acreanos e cariocas em formato *online* e que foram e podem ser pesquisados via internet através do seu site institucional (memoria.bn.br).

Cabe realçar que o trabalho visou estudar as charges como narrativas da visão cotidiana sobre os desterrados, assim como também a representação do recém formado território do Acre, entendendo os textos (as charges) como representações discursivas de suas épocas. De acordo com Marcos A. da Silva, as caricaturas e os jornais onde circulavam as matérias relacionadas aos desterros, faziam parte de um esboço de indústria cultural: “podendo seu estudo contribuir para avaliação desse processo, articulando-o às modalidades ideológicas dominantes na sociedade brasileira da época e acompanhando dimensões críticas reivindicadas pela produção artística e cultural assim submetida ao mercado” (SILVA, 1990, p.12).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o desfecho da “revolução acreana”, em 1903 assina-se o Tratado de Petrópolis, “celebrado entre os dois países com evidentes vantagens para o Brasil, que anexaria a seu território mais de 245 mil km² de terras férteis e ricas em seringueiras” (MARTINELLO, 2004, p. 43). Com a abundância de drogas dos sertões e da exploração *hevea brasiliensis* o Acre passa desde meados do século XIX a ser visto como uma espécie de “oeste americano”. Não obstante, além de aventureiros e retirantes da seca, o novo território federal passa a ser um local de desterro: “foram desterrados para o território do Acre em fins de 1904 e início de 1905, entre 1.453 e 1.647 pessoas” (SILVA, 2013, p.23).



FIGURA 1 - O RELATORIO DO ZÉ

Fonte: O Malho, 06/05/1905, nº 138, p.38, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://goo.gl/8XeNNz>. Acesso em: 02/02/2017.

Para o chargista que elaborou a charge da **FIGURA 1** a federalização do Acre passa a ser vista como uma negociação inteiramente voltada para fins lucrativos e benefício do governo federal. Entretanto, o personagem Zé, um pacato cidadão comum, afirma que foi um mau negócio, tendo em vista o “índice de mortalidade” do Acre. Sobre esta questão, encontramos referência no relatório da Prefeitura do Departamento do Alto Acre, onde Raphael Augusto da Cunha Mattos fala sobre os desterrados que chegam ao Acre, mais precisamente na cidade de Xapuri, sobre a qual ele à descreve da seguinte maneira:

Como já conhecesse pessoalmente as terras banhadas pelo rio Acre e estivesse, portanto, habilitado a fazer juízo seguro do respectivo clima que é o mais insalubre possível, a partir da Capital Federal tinha em mente constituir em Xapuri a sede do meu governo, pois ali se fazem sentir com menos intensidade as febres de mau caráter, o beri-beri e outras enfermidades que tanto dizimam a população do Acre (MATTOS, 1905, p. 03).

Tal como a charge, as palavras de Cunha Mattos demonstram o pavor do que era se viver no Acre, o medo da insalubridade, do impaludismo, do beribéri e dos animais selvagens, todos esses fatores contribuía para que o local fosse, como dito pelo Zé, um verdadeiro cemitério para os adventícios. *Há de se acrescentar que o Acre ao se*

tornar um novo território administrado pela União após 1904, as escolhas de prefeitos e demais cargos políticos dos Departamentos acreanos eram feitos por indicação na capital da República Brasileira, conforme se vê abaixo (Figura 02), quando o próprio presidente Rodrigues Alves parece ter dificuldades em nomear quem seriam os novos burocratas enviados ao Acre.

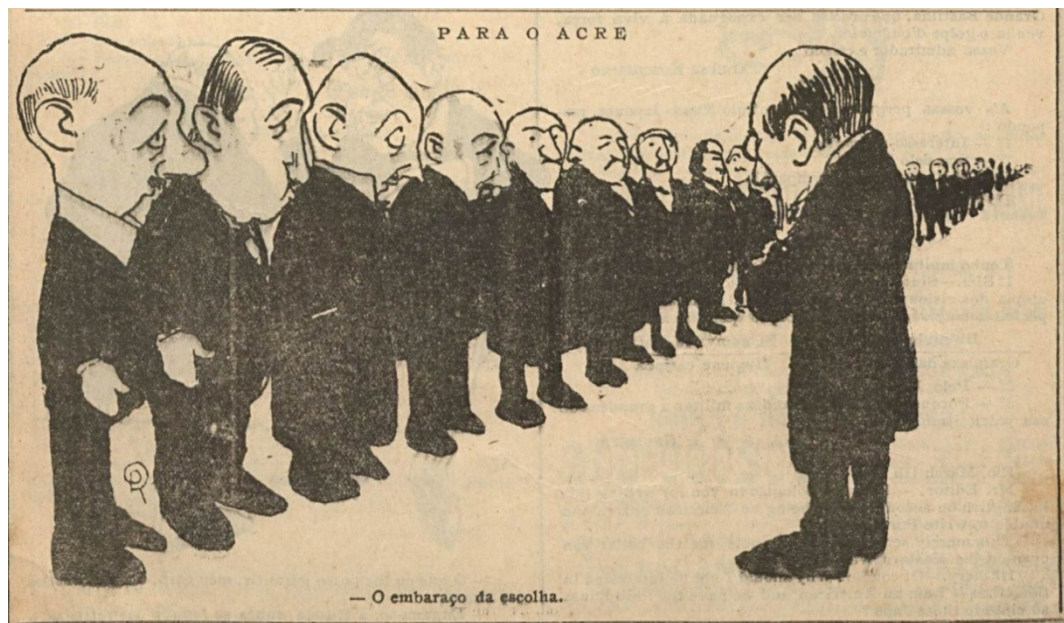


FIGURA 2 – PARA O ACRE

Fonte: O Malho, 12/03/1904, nº 78, p.17, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://goo.gl/MRCQE2>. Acesso: 02/02/2017.

Podemos perceber pelos semblantes dos candidatos que poderão ser escolhidos para irem ao Acre uma certa preocupação, um incomodo com aquela situação. Há época, se percebia que era uma das piores opções para carreira política ser nomeado para servir no Acre. Até mesmo quem escolhe se sente “embaraçado”, como é o que ocorre com o presidente da República Rodrigues Alves. Estes agraciados com tal prêmio de consolação, normalmente eram políticos sem bons padrinhos que intercedessem em suas demandas e esperanças de obter algum cargo na cidade do Rio de Janeiro ou em outro local visto como mais agradável que o Acre. Ou então, às vezes, pessoas que tinham desavenças com as autoridades da capital federal e recebia como punição, servir no Acre.

Os desterrados fazem parte da formação histórica e social do Acre, tal como aqueles que chegaram aqui na busca do “Ouro Negro” em fins do século XIX. Dessa maneira, os desterrados do Rio de Janeiro na Revolta da Vacina tiveram como destino a *Sibéria Tropical*:

A população de Xapuri não foi constituída apenas por “desbravadores” nordestinos ou “comerciantes” sírio-libaneses e portugueses, como costuma-se afirmar. Além destes, havia caboclos ribeirinhos, personagens que uma historiografia oficial tratou de “dar sumiço” e desterrados oriundos da cidade do Rio de Janeiro, que começaram a chegar a partir de 1904. Da prisão denominada “Ilha das Cobras”,

vieram participantes da Revolta da Vacina e, posteriormente, da Revolta da Chibata. Somaram-se aos “revoltosos” os que foram denominados como “vadios”, “bêbados” e outras personagens que não se enquadravam nos preceitos modernizadores, vigentes na capital da República no início do século XX (SILVA & SOUZA, 2015).

Tal análise sobre a história do município de Xapuri se estende para toda a historiografia acreana em relação à colonização do Acre e a chegada dos desterrados. Os desterrados que foram trazidos para o Acre, eram basicamente negros, mestiços e pobres, seres que o Rio de Janeiro não queriam andando em suas ruas. As reformas urbanas a cargo do prefeito Francisco Pereira Passos, que assumiu durante a presidência de Rodrigues Alves (1902/1906), junto com o médico sanitarista Oswaldo Cruz e o engenheiro Lauro Müller, se dedicaram a fazer do Rio uma cidade marcada pelos preceitos da *Bele époque* e nela, os cortiços habitados por negros e mestiços se destoavam do novo paisagismo, logo foram demolidos (PMRJ, 2006). Pelo olhar das autoridades desde logo alcunhados de desordeiros perigosos, irrecuperáveis e inclinados ao crime, os desterrados não tiveram nenhum julgamento à margem das leis vigentes da República.

A população carioca já vinha insatisfeita com a atitude de Rodrigues Alves, junto com o prefeito Francisco Pereira Passos, desde que ambos na busca de “limpar” a cidade, levaram a cabo a derrubada de mais de 600 cortiços considerados “insalubres” no centro da cidade. Foram ao chão também prédios velhos e prostíbulos, deixando milhares de moradores desalojados à força (PMRJ - Cadernos da Comunicação, Série Memória. **1904 – Revolta da Vacina. A maior batalha do Rio.** Prefeitura do Rio de Janeiro.- A Secretaria, 2006. 120 p.) e por fim, o estopim para as revoltas populares veio após Oswaldo Cruz convencer o Congresso a aprovar a Lei da Vacina Obrigatória, em 31 de Outubro de 1904. Os agentes sanitários por vezes invadiam residências e cortiços e vacinavam a força os residentes, os homens ficavam ainda mais raivosos pois no ato de vacinar dos agentes expunham partes íntimas do corpo de suas mulheres, como braços, coxas e nádegas. Dessa forma, a população passou a fazer barricadas e enfrentamentos contra as autoridades pela cidade do Rio de Janeiro: “Houve de tudo ontem. Tiros, gritos, vaias, interrupção de trânsito, estabelecimentos e casas de espetáculos fechadas, bondes assaltados e bondes queimados, lampiões quebrados a pedrada, árvores derrubadas, edifícios públicos e particulares deteriorados” (*Os conflictos de hontem: Mortes e ferimentos.*).

Os motins, os enfrentamentos com a polícia e os quebra-quebras em protestos contra a vacinação antivariólica obrigatória e contra o governo irrompeu no final do dia 10 de novembro de 1904 e teve seu termo somente no dia 18 do mesmo mês (SILVA, 2013).



FIGURA 3 – BOA RESOLUÇÃO

Fonte: O Malho, 03/12/1904, nº 116, p. 29, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://goo.gl/UXke7N>. Acesso: 02/02/2017.

No diálogo entre os personagens temos os seguintes nomes, o *Mulato* e o *Crioulo*, esses nomes o chargista não escolheu atoa, se completavam apenas 16 anos desde a assinatura da Lei Áurea (1888), a escolha dos nomes já carregam o preconceito e apresenta a visão da “raça”, à qual os negros deviam “pertencer”; o termo de *mulato* no século XIX era para caracterizar o negro mestiço, filho de um homem branco com uma mulher negra, um “hibrido” aos olhos de uma sociedade escravagista, enquanto o *crioulo*, conhecido também como “negro boçal”, era para caracterizar o filho descendente direto de negros, porém que já nascera no Brasil. Os Negros, escravos, africanos se tornaram “classes perigosas” e viraram “objetos de ciência” pela ciência se definia a diferença e a inferioridade (SCHWARCZ, 1993). Enquanto o *Mulato* comemora o fato de ter escapado do desterro para o Acre, o *Crioulo*, negro, tamanco, lenço no pescoço indicando que joga capoeira, chapéu de lado, todas as características de um malandro descritas posteriormente no samba *Rapaz Folgado* escrito por Noel Rosa, em 1933, acredita que o “negócio da borracha” ainda é rentável e observa uma oportunidade de lucro para cuidar da família. Ambos os personagens são a representação daqueles que participaram da revolta da Vacina, são o retrato caricato dos desterrados, que por

vezes nem nomes eram citados nos jornais, mas sim seus apelidos:

O *Jornal do Commercio* trouxe uma lista imensa com as mais variadas alcunhas dos sujeitos presos, e grande parte deve ter sido deportada e desterrada a partir da “separação escrupulosa” feita por Cardoso de Castro, Meira Lima e seus auxiliares em fins de dezembro do ano anterior. Entre outros apelidos, temos os indigitados Carvão de Pedra, Espanta Patrulha, Ferro Velho, Escangalhado, Canela de Vidro, Cara Queimada, Espanta Cachorro, Gallinha Choca, Beiço Rachado, Papa Ovos, Chico Vagabundo, Malagueta, Rato Branco, Orelha Cortada, Boca de Fogo, Foguete, Cambachirra, Escróphula e Tripal Lima. Os apelidos jocosos, às vezes insultantes e que muitas vezes se associavam às características físicas ou tipos de crimes que esses sujeitos praticavam (SILVA, 2013,p.116).

Tanto os apelidos quanto os desenhos das personagens na **FIGURA 3** servem para nos apresentar pessoas que no imaginário da população não eram pessoas de bem. Os desterrados eram julgados pela cor da pele, por apelidos, por serem “vadios” e bêbados, homens que não se enquadravam na modernização do novo século. Foram tantos os desterrados que o navio *Itapacy*, um dos últimos navios a sair do Rio de Janeiro, trazia às terras do Acre cerca de 450 desterrados (SILVA, 2013) em 1905. Essa quantidade enorme de homens e mulheres que chegavam pelas terras acreanas ficava muitas vezes a esmo. Para muitos restavam, além da má fama, trabalhos forçados em obras públicas, atividades nos seringais, mas nem todos se adaptavam ao trabalho no corte da seringa. Já outros conseguiam trabalhos esporádicos no meio urbano ou ficavam soltos sem fazer nada e reforçando localmente a imagem de criminosos e vagabundos atribuída desde o Rio de Janeiro.



FIGURA 4 – UTILISAÇÃO DOS CANHÕES

Fonte: O Malho, 25/12/1909, nº 380, p. 42, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://goo.gl/QcAyU4>. Acesso: 02/02/2017.

Ao que se percebe, o termo *Canhões* no título da charge refere-se a aparência das mulheres, deixando a entender que devido à ausência de beleza, no Rio de Janeiro as *Graças* não conseguiam pretendentes, porém, a oportunidade surge no Acre pelo excesso de componentes do sexo masculino, que devido ao “ócio”, acabavam se metendo em crimes: “Chegam com seus canhões reais ou metafóricos, para ocuparem o que é narrado como vazio, selvagem e virginal”. (SILVA, Francisco Bento da.).

Observando que a charge da **FIGURA 4** foi publicada no ano de 1909, para felicidade das *três graças*, um ano depois, mais precisamente em 22 de novembro de 1910, acontece a *Revolta da Chibata*. Marinheiros se amotinaram no Rio de Janeiro protestaram e pegaram em armas contra os castigos corporais, as surras de *chibatas* que eram aplicadas para punir os marinheiros negros e mulatos: “Ex-escravos e filhos de escravos compõem as tripulações de nossos navios, a maioria deles de pele escura ou de mulatos escuros” (MOREL, 1986, P. 13). Cessado o conflito, assim como a *Revolta da Vacina*, os insurgentes tiveram como destino o desterro. Uma das decisões tomadas pelas autoridades republicanas foi mandar cerca de cem prisioneiros para Santo Antonio do Madeira, na Amazônia, para que trabalhassem na construção de telégrafos sob o comando de Cândido Rondon. Isso era praticamente uma sentença

de morte, tendo em vista o árduo trabalho, a quase certeza de se contrair malária e os perigos da selva em si. Outros presos nessa revolta tiveram como destino o Acre, dentre eles, temos uma atenção maior no o vapor *Satellite*, imprensa carioca torna símbolo como consequência o da revolta, essa embarcação saiu do Rio de Janeiro na noite de Natal de 1910, levando a bordo 436 desterrados com destino ao Acre (SILVA, 2013,p. 158).

O Acre era destino dos desterrados, a imprensa acreana dava informações de mais uma leva de desterrados, em Xapuri o jornal *Correio do Acre* anunciou com lastima um novo grupo que chegava na cidade, não apenas presos da Revolta da Chibata, mas como também “vadios” que lotavam as cadeias no Rio de Janeiro:

Consta virem com destino a esta localidade, no vapor Cabral, mais de 400 homens degredados do Rio de Janeiro, vadios, vagabundos e larápios que o governo enxovalha derramando no Território a lia da população da Capital Federal. É verdade que alguns destes homens trasladados do meio propício em que polulam nas grandes aglomerações urbanas se modificam e se regeneram, mas a maioria deles mantém seus hábitos ignóbeis, e ferozes instintos. (...) Vamos ter infecção em nosso meio, quiza mais perigosa do que a varíola (apud SILVA, 2013, p. 00).

Dessa maneira, podemos perceber a hostilidade para com os desterrados, pois não interessavam se eram criminosos ou inocentes. Se a pessoa foi presa por lutar pelo seu ideal ou até mesmo presa de maneira equivocada, isso não importava para as autoridades. Ao ser preso por “vadiagem”, o desterrado já chegava ao Acre, marcado como um criminoso, vadio, larapio, entre outros termos desmoralizantes. Percebemos então que enquanto no século XIX o Acre era o *Eldorado* do látex, posteriormente, no século XX o termo *Sibéria* se encaixa perfeitamente, uma vez que passou a ser um local a receber os “maus elementos” de um Rio de Janeiro que buscava virar uma Paris, escondendo seus problemas de uma população de descendentes de escravos, ignorados pelo poder público, que para se afirmar e ir atrás de seus direitos se revoltavam.

CONCLUSÃO

Na presente pesquisa tentou-se sucintamente passar a ideia de que a história do Acre não se limita apenas na Revolução Acreana e dos desbravadores “nordestinos”. Essa historiografia ultrapassa os relatos dos primeiros aventureiros que apontam para um Acre do Eldorado, ao mesmo tempo, das intempéries, dos retirantes da seca do interior do Brasil rumando para uma terra desconhecida. Local onde dominam as forças da natureza ou as falsas promessas de encontrar-se com o lucro e a riqueza fáceis.

A história acreana se entrelaça com a história do Brasil Republicano. O acreano também é o resultado de pessoas expulsas de sua terra, que perante as imposições de um governo que queria cultivar os valores da Bele época passava por cima da população pobre, que como resultado revoltava-se. De acordo com Francisco Bento em seu livro *Acre, A Sibéria Tropical*, o Governo Federal justificava os desterrados para

o Acre como forma de suprir a escassez de mão de obra. Já em 1910 os desterrados eram enviados para se incorporarem a outros trabalhadores na fase final da construção da Linha Telegráfica no interior do Mato Grosso.

Não obstante, pelas charges na qual essa pesquisa se baseou, no imaginário popular, o Acre estava associado à riqueza e possibilidade de lucro através da exploração da borracha. Nenhum um político de projeção desejava vir para estas terras. Após as primeiras revoltas, o governo federal passou a usar o território acreano como sua Sibéria, um território inteiro como prisão aberta e essa ideia se perpetuou no imaginário popular. O Acre passou a ser tido não apenas como uma cadeia a céu aberto, mas como uma sentença de morte, tal temor se torna evidente na fala das Mulheres do pessoal, na charge abaixo:



FIGURA 5 – A SEPARAÇÃO NA ILHA DAS COBRAS

Fonte: O Malho, 03/12/1904, nº 116, p. 22, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://goo.gl/UAchH9>. Acesso: 02/02/2017.

As representações baseadas nas charges exprimem um humor não crítico e sim de tentar ridicularizar, de se distanciar. Observamos que as charges têm amplos significados, exercendo tanto a subjetividade quanto a objetividade. O humor das revistas alimenta risos de preconceito, algo que expressava não tão somente em relação ao Acre, mas também em relação ao preconceito econômico-social e principalmente em relação aos negros, tanto em suas conversas, como em suas

características desenhadas de forma mais avantajadas. Portanto, podemos entender que a charge não se limita apenas o humor. Uma charge é um registro histórico tão importante quanto um boletim policial. Em *Raízes do Riso*, Elias Thomé Saliba(2002) nos afirma que “os humoristas... sabiam que o riso era próprio do homem, mas que o homem era, ele mesmo, parte inseparável da mobilidade histórica”(p. 132).

É necessário quando se falar sobre o Acre quebrar os paradigmas sobre assunto de se resumir a história em “primeiro ciclo da borracha” e “segundo surto da borracha”. Somos descendentes não só de seringueiros, mas também de “quebradores de lampiões” da *Revolta da Vacina* e de ex-marinheiros da *Revolta da Chibata*.

REFERÊNCIAS

APLEMABAUM, Anne. **Gulag: uma história dos prisioneiros de campos soviéticos**. Trad. Mário Vilela e Ibraíma Dafonte. São Paulo: Ediouro, 2004.

PMRJ. Cadernos da Comunicação, Série Memória. **1904 – Revolta da Vacina. A maior batalha do Rio**. Prefeitura do Rio de Janeiro. A Secretaria, 2006.

MARTINELLO, Pedro. **A “batalha da borracha” na Segunda Guerra Mundial**. Rio Branco: EDUFAC, 2004.

MOREL, Edmar. **A Revolta da Chibata**. Rio de Janeiro, 1986: Edições Graal.

Os conflitos de ontem: Mortes e ferimentos. Gazeta de Notícias, 14/11/1904, nº 319, p. 01, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://goo.gl/uYhYek>. Acesso: 10/07/2017.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na historia brasileira: da Bella Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Marcos A. **Caricata República: Zé Povo e o Brasil**. São Paulo: Marco Zero, 1990

SILVA, Francisco Bento da. **Acre, a Sibéria tropical: desterrados para as regiões do Acre em 1904 e 1910**. 01ª Ed. Manaus: UEA, 2013.

SILVA, Francisco Bento da. **Insolitudes acres, híbridas e fronteiriças: as disputas pelas identidades**. Palestra intitulada de “O Acre insólito” e apresentada durante o *I Congresso - Métodos Fronteiriços: objetos míticos, insólitos e imaginário*. Realizado entre os dias 08 e 10 de abril de 2015 no Teatro Banzeiro, em Porto Velho – Rondônia (Brasil).

SILVA, Francisco Bento da. **Insolitudes acres, híbridas e fronteiriças: as disputas pelas identidades**. Palestra intitulada de “O Acre insólito” e apresentada durante o *I Congresso – Métodos Fronteiriços: objetos míticos, insólitos e imaginários*. Realizado entre os dias 08 e 10 de abril de 2015 no Teatro Banzeiro, em Porto Velho – Rondônia (Brasil).

SILVA, Francisco Bento da; SOUZA, Sergio Roberto Gomes de. “Xapuri e o ‘insuportável’ dilema: ‘princesa virou plebéia’ ou nunca foi mesmo tão ‘aristocrática’?” Blog Xapuri Agora!, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/hv4z9N>.

SOUZA, Sergio Roberto Gomes de. "Alguns breves 'pitacos' sobre Xapuri". Blog Xapuri Agora!, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/LxBeQC>.

SITE: memoria.bn.br; acesso em 20.08.2016 ao dia 05.07.2017.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-278-4

